

O NOVO RURAL BRASILEIRO EM SANTA RITA E AS TERRITORIALIDADES SOCIOAMBIENTAIS

THE NEW BRAZILIAN RURAL IN SANTA RITA AND SOCIO- ENVIRONMENTAL TERRITORIALITIES

LA NUEVA RURAL BRASILEÑA EN SANTA RITA Y LAS TERRITORIALIDADES SOCIOAMBIENTALES

Mônica de Souza Corrêa¹, Francisco Pontes de Miranda Ferreira², Rafael Ângelo Fortunato³,
Clara Carvalho Lemos⁴

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3117

Recibido: 25/07/2025 | Aceptado: 31/07/2025 | Publicación en línea: 18/08/2025.

RESUMO

O artigo analisa as transformações do rural brasileiro no distrito de Santa Rita, Teresópolis (RJ), destacando a emergência do "Novo Rural Brasileiro", onde atividades como turismo, agroecologia e conservação ambiental se sobrepõem às tradicionais práticas agropecuárias. Por meio de uma abordagem etnográfica e bibliográfica, o estudo explora as territorialidades socioambientais locais, enfatizando conflitos entre expansão urbana, especulação imobiliária e modos de vida tradicionais. O Circuito Santa Rita de Turismo Rural Solidário — "Um Dia na Roça" serve como estudo de caso, ilustrando estratégias de resistência e desenvolvimento endógeno, como a valorização da agricultura familiar, o turismo comunitário e a agroecologia. Os resultados evidenciam a importância de políticas públicas que harmonizem crescimento econômico, equidade social e sustentabilidade, evitando a gentrificação e a degradação ambiental. Conclui-se que Santa Rita exemplifica os desafios e oportunidades do rural contemporâneo, demandando planejamento participativo e integrado para garantir a justiça socioambiental.

Palavras-chave: Ruralidade. Territorialidades Socioambientais. Agroecologia. Turismo Rural.

¹ Doutoranda em Ciências do Meio Ambiente pelo Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: monicacorreajr@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7823-1051>

² Doutor em Ciências do Meio Ambiente pelo Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: arcalama@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8124-4079>

³ Doutor em Ciências do Meio Ambiente pelo Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: fortrafa@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3377-4016>

⁴ Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental pela Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: clara.lemos@uerj.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9044-7073>

ABSTRACT

This article examines the transformations of rural Brazil in the district of Santa Rita, Teresópolis (RJ), highlighting the emergence of the "New Brazilian Rurality," where activities such as tourism, agroecology, and environmental conservation overlap with traditional agricultural practices. Through an ethnographic and bibliographic approach, the study explores local socio-environmental territorialities, emphasizing conflicts between urban expansion, real estate speculation, and traditional livelihoods. The Santa Rita Circuit of Solidarity Rural Tourism — "A Day in the Country" serves as a case study, illustrating resistance strategies and endogenous development, such as the valorization of family farming, community tourism, and agroecology. The results underscore the need for public policies that balance economic growth, social equity, and sustainability, avoiding gentrification and environmental degradation. The conclusion asserts that Santa Rita exemplifies the challenges and opportunities of contemporary rurality, requiring participatory and integrated planning to ensure socio-environmental justice.

Keywords: Rurality. Socio-Environmental Territorialities. Agroecology. Rural Tourism.

RESUMEN

El artículo analiza las transformaciones del rural brasileño en el distrito de Santa Rita, Teresópolis (RJ), destacando el surgimiento del "Nuevo Rural Brasileño", donde actividades como el turismo, la agroecología y la conservación ambiental se superponen a las prácticas agropecuarias tradicionales. Mediante un enfoque etnográfico y bibliográfico, el estudio explora las territorialidades socioambientales locales, enfatizando los conflictos entre la expansión urbana, la especulación inmobiliaria y los modos de vida tradicionales. El Circuito Santa Rita de Turismo Rural Solidario — "Un Día en el Campo" sirve como estudio de caso, ilustrando estrategias de resistencia y desarrollo endógeno, como la valorización de la agricultura familiar, el turismo comunitario y la agroecología. Los resultados evidencian la necesidad de políticas públicas que equilibren crecimiento económico, equidad social y sostenibilidad, evitando la gentrificación y la degradación ambiental. Se concluye que Santa Rita ejemplifica los desafíos y oportunidades del rural contemporáneo, requiriendo planificación participativa e integrada para garantizar justicia socioambiental.

Palabras clave: Ruralidad. Territorialidades Socioambientales. Agroecología. Turismo Rural.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

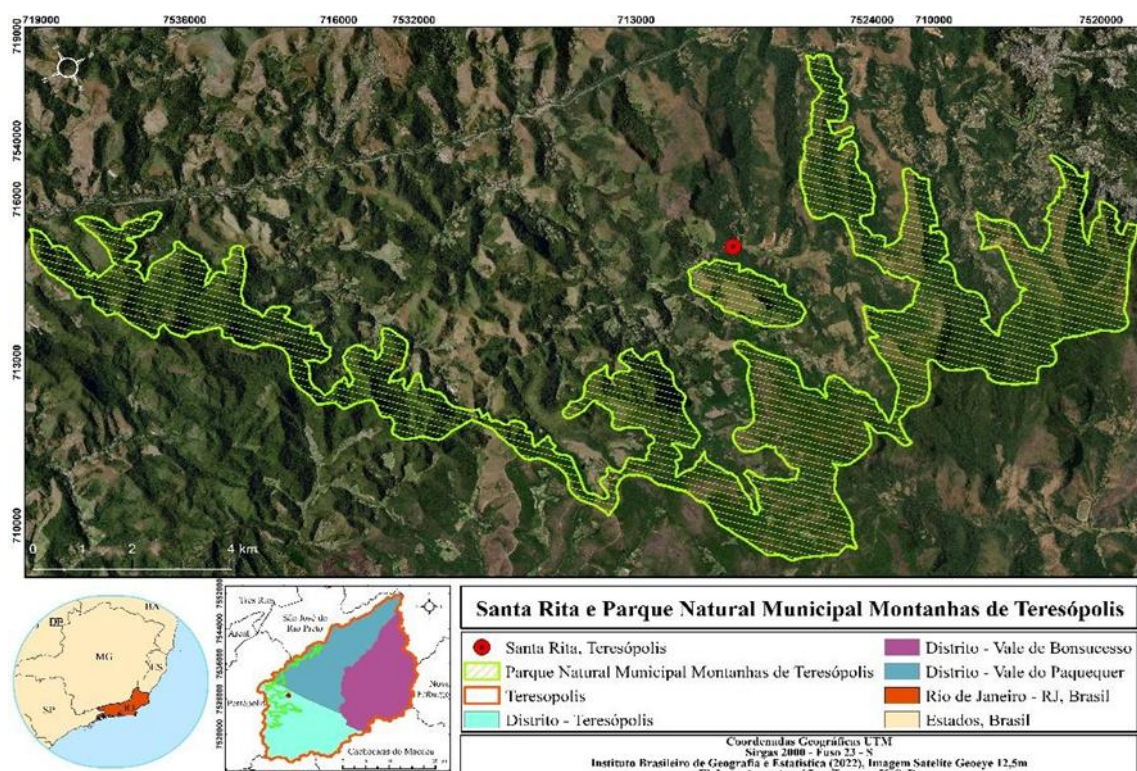
Cada vez mais temos maior dificuldade de separar o rural do urbano e a diferença entre os dois também se torna irrelevante. O rural passou a ser uma continuidade do urbano, devido ao desenvolvimento dos setores da informação e do transporte. Identificamos, portanto,

transformações importantes tanto no mundo do trabalho quanto na organização especial do rural. O rural também deixou de ser relacionado com atraso e pobreza, como era na Revolução Industrial. Hoje o rural não realiza apenas atividades agropecuárias. O rural é multidimensional e cada vez mais incluímos atividades como lazer, turismo, residência e conservação ambiental. Há um crescimento do setor de serviços. Há flexibilidade nas tarefas e aumento de serviços temporários. Existe também um número maior de profissionais liberais e de pessoas originárias da cidade. O campo possui hoje várias atividades antes exclusivamente urbanas e o nível de renda vem aumentando. Outra característica é a formação de redes e o maior acesso aos serviços e bens públicos como educação e saúde (Graziano, 2002).

A contemporaneidade tem redefinido as relações entre o rural e o urbano, dissolvendo fronteiras outrora rígidas e estabelecendo novas dinâmicas socioespaciais. Esse fenômeno, conhecido como Novo Rural Brasileiro (Graziano, 2002), manifesta-se de forma emblemática no distrito de Santa Rita, (Figura 1), área de assentamento rural predominantemente de agricultura familiar agroecológica localizada no segundo distrito do município de Teresópolis, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro. Onde a integração entre turismo, atividades rurais e pressões urbanas evidencia a complexidade das Territorialidades Socioambientais.

Figura 1

Localização da área de estudo – Santa Rita



Fonte: elaboração cartográfica: Tavares, K. S.R, 2024.

Com base nisso, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a construção Territorialidades Socioambientais em Santa Rita com enfoque na agricultura familiar e o turismo rural

REFERENCIAL TEÓRICO

A demanda por terras para empreendimentos turísticos e residenciais secundários impulsiona a especulação imobiliária, ameaçando deslocar populações tradicionais e alterar a estrutura socioeconômica local. Esse processo, conhecido como gentrificação rural, pode levar à elitização do território, com a substituição de agricultores e moradores de baixa renda por grupos com maior poder aquisitivo. Nesse contexto, as territorialidades socioambientais sendo um conceito transdisciplinar e que dialoga com saberes da geografia, sociologia, economia, agronomia e antropologia, dentre outras. As pesquisas que incorpora esse conceito enfatizam o processo de apropriação, dominação e produção do território e as relações de poder. Estes fatores fazem parte da formação dos territórios e das territorialidades e, nesse processo, evidenciamos a

dominação, a resistência e as interações onde se destacam os agentes do capital, o estado e os movimentos sociais. O território é construído a partir da apropriação do espaço geográfico, onde se expressam relações de poder das quais resultam territórios desiguais e áreas de conflitos que entram em tensão: de um lado, há a valorização econômica e cultural do rural; de outro, riscos de exclusão e perda de identidade local. A acelerada chegada de infraestruturas urbanas – como vias asfaltadas, redes de comunicação e serviços – em Santa Rita reflete a integração do distrito aos fluxos metropolitanos. Embora essas melhorias ampliem o acesso a direitos básicos, como saúde e educação, também intensificam a pressão sobre o meio ambiente e as formas tradicionais de ocupação. A expansão urbana desordenada pode fragmentar áreas agrícolas e comprometer recursos hídricos, afetando tanto ecossistemas quanto modos de vida locais.

Em Santa Rita a presença do Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis, uma unidade de conservação de proteção integral, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Seu principal objetivo é preservar os importantes remanescentes da Mata Atlântica, uma tarefa vital para a biodiversidade regional. Além de seu papel essencial na proteção do meio ambiente, o Parque se compromete a promover a participação da comunidade, estimular pesquisas científicas e desenvolver programas de educação ambiental. Essas atividades visam não apenas fortalecer os laços entre a população e a conservação ambiental, mas também contribuir para o avanço do conhecimento e a conscientização sobre a importância da preservação dos ecossistemas naturais. Por sua vez, introduz uma dimensão adicional às territorialidades socioambientais. Enquanto a unidade de conservação assegura a proteção da biodiversidade e oferece oportunidades para o turismo sustentável, sua implantação pode gerar conflitos com proprietários de terras ou comunidades que dependem do uso tradicional dos recursos naturais. O desafio, portanto, reside em conciliar preservação ambiental, desenvolvimento econômico e justiça social, garantindo que a gestão do território seja inclusiva e participativa. A realidade de Santa Rita ilustra as transformações do rural brasileiro na era pós-industrial, onde o campo se reinventa como espaço plural, marcado por sobreposições de interesses e identidades.

As Territorialidades Socioambientais ali presentes revelam tanto potencialidades – como a geração de renda via turismo e a conservação da natureza – quanto riscos, como a gentrificação e a degradação ambiental. Para que o desenvolvimento seja sustentável, é essencial adotar políticas públicas que regulem a expansão imobiliária, evitando a especulação e garantindo moradia acessível; fortalecer a agricultura familiar e o turismo comunitário, assegurando que os

benefícios econômicos sejam distribuídos equitativamente e a promoção de um diálogo entre poder público, comunidades e investidores, visando à gestão democrática do território.

A relação entre o consumo desenfreado da sociedade capitalista e a crise ambiental também se reflete na questão rural contemporânea no Brasil, onde modelos insustentáveis de produção e expansão urbana desordenada ameaçam os ecossistemas e as comunidades tradicionais (Zortéa e Obregon, 2018). O caso de Santa Rita em Teresópolis, analisado em nosso trabalho, exemplifica esse conflito: a pressão do desenvolvimento urbano e a especulação imobiliária sobre áreas rurais não apenas degradam o meio ambiente, mas também colocam em risco modos de vida sustentáveis historicamente praticados por pequenos agricultores. Essa realidade evidencia a urgência de políticas que conciliem crescimento econômico com preservação ambiental e valorização da agricultura familiar, alinhando-se aos princípios do desenvolvimento sustentável. A educação ambiental e a conscientização sobre consumo responsável são ferramentas essenciais para transformar essa dinâmica, garantindo que o rural seja visto não como espaço a ser consumido, mas como patrimônio ecológico e cultural fundamental para o equilíbrio socioambiental (Zortéa e Obregon, 2018).

Santa Rita, portanto, encapsula os dilemas e as oportunidades do Novo Rural Brasileiro, onde a coexistência entre urbano e rural exige novas formas de planejamento, capazes de harmonizar crescimento econômico, equidade socioespacial e sustentabilidade. O estudo de suas Territorialidades Socioambientais não apenas enriquece o debate acadêmico, mas também oferece subsídios para ações concretas em prol de um desenvolvimento territorial mais justo e resiliente.

A agroecologia emerge como uma estratégia fundamental para o desenvolvimento rural em Santa Rita, alinhando-se às discussões sobre o Novo Rural Brasileiro e as Territorialidades Socioambientais. Enquanto o turismo e a pressão imobiliária reconfiguram o espaço rural do distrito, a agroecologia apresenta-se como um contraponto sustentável, capaz de conciliar produção agrícola, conservação ambiental e inclusão socioproductiva. Sua abordagem interdisciplinar – que integra conhecimentos tradicionais, ecologia e práticas econômicas solidárias – fortalece a resistência de pequenos produtores frente ao modelo convencional de agricultura, ao mesmo tempo em que valoriza a biodiversidade local, elemento crucial em um território que abriga o Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis. Além disso, a agroecologia dialoga diretamente com a pluriatividade rural, já que estimula arranjos produtivos diversificados, como a venda direta de orgânicos, o turismo pedagógico em propriedades

familiares e a integração entre agricultura e serviços ambientais. Dessa forma, ela não apenas mitiga os riscos de gentrificação e exclusão socioespacial, mas também consolida um modelo de desenvolvimento territorial que harmoniza crescimento econômico, equidade e sustentabilidade – princípios centrais para a construção de Territorialidades Socioambientais em Santa Rita.

O turismo rural emerge como uma estratégia complementar à agroecologia no contexto do Novo Rural Brasileiro, especialmente em Santa Rita, onde a crise da agricultura familiar – historicamente marginalizada pelo modelo hegemônico da Revolução Verde – encontra no turismo uma alternativa de renda e valorização do território. Assim como a agroecologia resgata saberes tradicionais e promove sustentabilidade, o turismo rural na agricultura familiar fortalece a pluriatividade, integrando atividades como hospedagem, gastronomia local, ecoturismo e turismo solidário, que não apenas diversificam a economia, mas também preservam identidades culturais e ambientais. Em Santa Rita, onde a pressão imobiliária e a gentrificação ameaçam comunidades tradicionais, o turismo rural – se bem articulado – pode se tornar um instrumento de resistência socioespacial, evitando o êxodo rural e garantindo que os benefícios econômicos permaneçam nas mãos dos agricultores. Além disso, a sinergia entre agroecologia e turismo rural pode potencializar a valorização do Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis transformando-o em um atrativo ecopedagógico, onde visitantes vivenciam práticas sustentáveis enquanto contribuem para a renda local. No entanto, é crucial que essas atividades sejam reguladas por políticas públicas inclusivas, evitando a mercantilização predatória do espaço e garantindo que o desenvolvimento turístico seja sustentável, justo e ancorado nas Territorialidades Socioambientais já existentes. Dessa forma, Santa Rita pode consolidar um modelo de ruralidade que harmonize preservação, equidade e dinamismo econômico, resistindo às lógicas excludentes do agronegócio e da especulação imobiliária.

A crise climática e o princípio da proibição do retrocesso ambiental, discutidos no contexto latino-americano, refletem-se diretamente na questão rural contemporânea no Brasil, onde a pressão por desenvolvimento econômico frequentemente colide com a necessidade de preservação ambiental e justiça social (Holanda e Souza, 2025).

O caso de Santa Rita em Teresópolis, analisado em nosso trabalho, ilustra essa tensão: a expansão urbana desordenada e a especulação imobiliária ameaçam não apenas os ecossistemas locais, mas também os modos de vida tradicionais de comunidades rurais, que dependem da terra para sua subsistência e cultura. Essa realidade exige a aplicação robusta do princípio da proibição do retrocesso ambiental, garantindo que avanços normativos em proteção socioambiental não

sejam revertidos por interesses econômicos de curto prazo. Além disso, evidencia a urgência de políticas que integrem desenvolvimento rural sustentável, valorizando a agricultura familiar e a conservação dos recursos naturais, alinhadas ao constitucionalismo ambiental proposto para a América Latina.

METODOLOGIA

À pesquisa em uma perspectiva etnográfica somou-se uma pesquisa bibliográfica, em especial sobre Territorialidades Socioambientais. Para a pesquisa bibliográfica, utilizou-se a metodologia de Gil (2002). Já a pesquisa etnográfica envolveu um percurso no campo. Para o antropólogo Silva (2009) a etnografia tem três fases: situar, observar e descrever. A vivência do etnógrafo converte tais fases em atividades sincrônicas andar, ver e escrever disciplinado pela teoria. Outras informações foram coletadas com base na observação participante (Bogdan e Biklen, 1972) definiram observação participante como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada.

A expressão observação participante tende ainda, de acordo com Laplantine (2003), a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este e se continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação. Pode conjugar o estatuto de investigador/observador, mesmo que seja conhecido por uma parte do grupo, sendo que este trabalho de campo continua em cada momento/tempo de presença e até que o investigador o abandona depois de uma estadia mais ou menos longa. Segundo nos propõe Spradley (2016), a observação participante permite-nos observar as atividades das pessoas, as características físicas da situação do ponto de vista social e o que nos faz sentir o fato de fazermos parte integrante daquela realidade.

O tipo de grau de participação do pesquisador, no empreendimento etnográfico, tem sido um desafio, visto que ela tem que identificar o momento adequado em que deve observar e quando participar, na realidade, diz Zago (1994, p.27), ‘o processo é um contínuo ir-e-vir, onde há movimentos de: essencialmente observar, observar com alguma participação, essencialmente participar e observar refletindo’. É isto, justamente, que faz com que o pesquisador seja considerado o principal instrumento de coleta de dados. A intensidade do envolvimento pode

variar ao longo do processo etnográfico, dependendo das exigências e especificidades do próprio trabalho de campo. Para que a observação participante atinja rigorosamente os objetivos da pesquisa, é importante que o pesquisador elabore cuidadosamente suas anotações do fenômeno observado, descrevendo ao máximo todos os acontecimentos percebidos.

Como esclarece Peirano (1992), a pesquisa em uma perspectiva etnográfica revela não ao pesquisador, mas no pesquisador o resíduo incompreensível, porém significativo, entre os dados repassados pelos informantes e a observação do etnógrafo. O que demonstra que, as impressões resultantes da experiência de campo não são apenas recebidas pelo intelecto, mas exercem um impacto na personalidade do pesquisador, fazendo com que diferentes culturas se comuniquem na experiência singular de uma única pessoa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Circuito Santa Rita de Turismo Rural Solidário – Um Dia na Roça, surgiu de iniciativas entre agricultores (as) familiares de base agroecológica em organizar e desenvolver um roteiro de visitas a diferentes sítios. Entre os principais objetivos do projeto constavam ações para o desenvolvimento do artesanato, valorização do patrimônio histórico-cultural do campesinato no Brasil por meio de contação de histórias e no estímulo para a produção de produtos locais (geleias de ponkan, pães artesanais, café orgânico e conservas).

A resultante do conjunto destas ações na busca de recursos, apoios e tomada de decisões conta com a participação dos próprios envolvidos, que conseqüentemente, impulsionaria a geração de renda na região. O Circuito Santa Rita de Turismo Rural Solidário – Um Dia na Roça ancora-se no turismo solidário uma nova forma de ver, sentir e fazer o turismo baseado em relações solidárias, onde ocorre estímulo para que o turista participe do cotidiano, colabore e estabeleça vínculos afetivos com os territórios. Diante disso, ganha relevância “o pensar globalmente e o agir localmente”, o que tem sido uma premissa entre agricultoras e agricultores em Santa Rita, pois trabalham na direção da autogestão e da auto-organização; tratam-se, portanto, de processos endógenos potencializando o coletivo.

Podemos observar que a construção de Territorialidades socioambientais está ligada diretamente à capacidade de indivíduos ou grupos sociais de pensar em ações de fortalecimento mútuo. Neste sentido o trabalho de campo em uma perspectiva etnográfica não consiste apenas em coletar informações, mas de impregnar-se do contexto social pesquisado, como estratégia de

conhecimento sobre a cultura estudada. O trabalho de campo inclui o estudo disciplinado do que o mundo é e de como as pessoas têm aprendido a ver, ouvir, falar, pensar, narrar e agir de formas diversificadas. Mais do que um estudo sobre as pessoas a etnografia significa ‘aprender com as pessoas’, desse modo, a pesquisa é uma relação de troca e não o processo de ‘apropriação do outro, no qual este é alienado de si, pelo saber que cauciona o poder do pesquisador’ (Romanelli, 1998, p. 127).

Circuito Santa Rita de Turismo Rural Solidário

De abril a julho acompanhamos e participamos do Circuito Santa Rita de Turismo Rural Solidário – Um Dia na Roça nos sítios: Entre Pedras, Caipora nas Montanhas e Flor de Vento.

No sítio Entre Pedras (Figura 2), participamos de um mutirão agroecológico em que agricultoras, agricultores, vizinhos e visitantes se envolveram no preparo da terra do pomar para a plantação consorciada do milho, abóbora, feijão e mandioca. Participamos de uma contação de histórias sobre “como nascem as sementes”, um momento lúdico para todos os participantes, quando a história apresentada reflete a realidade de diferentes comunidades do Brasil que trabalham pela manutenção da riqueza natural, que pretendem salvar as chamadas “plantas bebês”. Participamos de uma oficina de banco de sementes e a agricultora do Sítio Entre Pedras relatou sua experiência no encontro Movimento dos Pequenos Agricultores com sementes crioulas - MPA, em Santa Catarina, que teve início em 1996, em função da necessidade dos agricultores de terem domínio sobre esse recurso que as “Festas de Sementes” foram aos poucos constituindo a identidade desse trabalho, promovendo oportunidades de discussão e intercâmbio de materiais genéticos. No fim do dia fomos convidados para uma roda de conversa e exposição de produtos da comunidade.

Figura 2

Vivências - Um Dia na Roça



Fonte:@sitioentrepedras

As construções de Territorialidades Socioambientais observados durante a vivência um Dia na Roça fortaleceram a solidariedade, a hospitalidade, os vínculos, a promoção da soberania alimentar, a regeneração do bioma local e a conexão entre as famílias agricultoras, com as famílias dos visitantes, não apenas pela compra e venda de produtos orgânicos, mas também pelo plantio e colheita.

No sítio Caipora nas Montanhas

Participamos da vivência da colheita do poncã - Um dia na Roça (Figura 3), fomos recebidos com um delicioso café da manhã: sucos, geleias, pães e outras delícias preparadas pelo agricultor e agricultora do sítio, todos os produtos à base de poncã. Nos caminhamos para o mutirão de colheita do poncã. O agricultor dá início, explicando um pouco sobre as frutas cítricas e como a tangerina ou poncã se adaptam bem a temperaturas baixas, mais que para garantir a qualidade dessa fruta, é necessário, entre outros quesitos, colhê-la no ponto certo.

No sítio Caipora nas Montanhas, além do cultivo de monocultura do poncã, eles também trabalham com o cultivo chamado de consorciado, o agricultor explicou ser uma boa estratégia

para sistemas agrícolas sustentáveis. A prática ocorre com plantios de duas ou mais espécies em uma mesma área em, pelo menos, uma parte do ciclo produtivo. Ao contrário do monocultor do poncã, o cultivo consorciado permite que uma planta complemente a outra e, juntas, aperfeiçoem os recursos disponíveis no solo.

Figura 3

Vivência Colheita do Poncã - Um dia na Roça no sítio Caipora nas Montanhas



Fonte: @caiporanasmontanhas

Logo após fomos para a roça onde as linhas estavam capinadas para receberem os cuidados especiais da mão de cada um que participava da colheita. Após um delicioso almoço nos reunimos para aprender a fazer casquinha de poncã, conversamos sobre a importância do reaproveitamento dos alimentos e o agricultor familiar explicou:

“Muitas vezes partes importantes de legumes e frutas, como cascas, talos, sementes e até raízes são descartadas, pois a maioria das pessoas não sabem que são essas partes que abrigam diversos nutrientes e vitaminas fundamentais para o bom funcionamento do organismo”.

Dessa forma, a dimensão analítica e conceitual de pertencimento será analisada neste estudo como uma dimensão subjetiva diretamente ligada à noção de territorialidade forjando

construção Territorialidades Socioambientais atribuindo sentido à relação de identificação social de um grupo com determinado território em momento de partilha e de troca de saberes e práticas. Seguindo os pressupostos do economista marroquino Zaoual, que propôs a Teoria dos “sítios simbólicos de pertencimento” os sítios simbólicos de pertencimento, Zaoual (2006, p. 210) define os sítios como “um imaginário social, moldado pelas contingências e a trajetória da vida comum dos atores considerados”. Para o autor, os sítios funcionam como uma “identidade imaterial”, que interfere nos comportamentos e nas materialidades visíveis do lugar ou região. Conforme Walliser (2000, apud Zaoual, 2006), o sítio é um vínculo cognitivo entre o ator e seu meio circundante. Segundo a perspectiva de Zaoual (2006), o sítio simbólico é uma entidade invisível que se concretiza no modo de vida, na economia, na cultura e na organização social, assim, o sítio simbólico está presente em todos os aspectos da vida social moldando, de certa forma, o comportamento dos atores no território.

Sítio Flor de Vento

Participamos da vivência de São João - Um dia na Roça em parceria com o seu vizinho o sítio Entre Pedras (Figura 4), durante o dia teve um almoço local sem “venenos”, Arraiá com música ao vivo, práticas de manejo agroflorestal, trilhas locais, feirinha de produtos, artesanatos e troca de sementes.

Figura 4

Vivência de São João - Um dia na Roça no sítio Flor de Vento



Fonte: @br.ecotour

A vivência teve por objetivo oferecer uma experiência agroecológica e gastronômica única para os visitantes, participamos de todos os momentos do ciclo produtivo da Agroecologia: do preparo do solo à colheita, degustação e compostagem dos resíduos. Na Vivência de São João no sítio Flor de Vento o agricultor falou para os participantes sobre o potencial do turismo rural na região:

“A partir do protagonismo dos indivíduos podemos potencializar o desabrochamento das competências, capacidades e especificidades de cada sítio uns fabricando pães, outros artesanatos em nosso sítio acreditamos nas práticas de recuperação de áreas degradadas, plantio de água, manejo ecológico do sol, plantas alimentícias não convencionais, compostagem e saneamento ecológico”

A partir desse relato o desenvolvimento local é um fenômeno que resulta das relações humanas. São as pessoas que fazem o desenvolvimento. O desenvolvimento local depende do sonho, do desejo, da vontade, da adesão, das decisões e das escolhas das pessoas. Chamamos isso de protagonismo local. A relação entre território e pertencimento é também expressa por Santos quando este define que o território é o espaço usado. Para o autor, o território usado “é o chão

mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2002 apud RIBEIRO, 2006).

Nesse mesmo sentido, para Zaoual (2006) a escala de abordagem mais pertinente para compreender a complexidade das interações entre sociedade e seu meio é também a do território. O território é então fruto das relações sociais compartilhadas entre os atores numa realidade viva, que é singular em cada espaço construindo.

CONCLUSÃO

O estudo evidenciou que no distrito de Santa Rita, área de assentamento rural predominantemente de agricultura familiar agroecológica localizada no segundo distrito do município de Teresópolis, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, encapsula os dilemas e potencialidades do Novo Rural Brasileiro, onde a coexistência entre práticas tradicionais e dinâmicas contemporâneas redefine o espaço rural. A agroecologia e o turismo rural emergem como estratégias centrais para conciliar desenvolvimento econômico, preservação ambiental e equidade social, resistindo às pressões da especulação imobiliária e da gentrificação.

Circuito Santa Rita de Turismo Rural Solidário – Um Dia na Roça demonstrou que iniciativas baseadas na autogestão e na valorização dos saberes locais fortalecem a identidade territorial e geração de renda de forma sustentável, destacando a importância da participação coletiva de agricultoras e agricultores familiares. Contudo, os desafios persistem, exigindo ações integradas que harmonizem crescimento urbano, conservação da biodiversidade e direitos de comunidades tradicionais. A aplicação do princípio da proibição do retrocesso ambiental e a adoção de modelos de governança participativa são essenciais para garantir que o desenvolvimento territorial em Santa Rita seja justo e resiliente. O caso reforça a urgência de repensar o rural não como espaço residual, mas como território dinâmico, onde inovação e tradição dialogam para construir futuros mais sustentáveis e inclusivos, alinhados aos debates globais sobre justiça socioambiental e crise climática.

REFERÊNCIAS

Bogdan, R. C.; Biklen, S. K. Qualitative research for education: an introduction to theory and methods. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

- Graziano, S. J. O novo rural brasileiro. UNICAMP. 166p. (2002).
- Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa, São Paulo: Atlas, 2002.
- Holanda, M. M., & Souza, R. da S. e. (2025). ANTROPOCENO E SUSTENTABILIDADE NA AMÉRICA LATINA: A CRISE CLIMÁTICA E A PROIBIÇÃO DO RETROCESSO AMBIENTAL. *Derecho Y Cambio Social*, 22(79), e126.
<https://doi.org/10.54899/dcs.v22i79.126>
- Laplantine, F. Aprender antropologia. São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.
- Peirano, M. A favor da Etnografia. Série Antropologia 130. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1992.
- Silva, H. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizonte Antropológico*, vol 15, nº 32, Porto Alegre, 2009.
- Spradley JP. Participant Observation. Reissue edition. Illinois, Waveland Press. 2016.
- Romanelli, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: Geraldo Romanelli; Zélia Maria Mendes Biasoli Alves. (Org.). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. ed. Ribeirão Preto-SP: Ed. Legis Summa Ltda.1998.
- Zaoual, H. Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pósglobal. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRL, 2006.
- Zago, M. M. F. O ritual de orientação de pacientes pelos enfermeiros cirúrgicos: um estudo etnográfico. Tese (Doutorado em Enfermagem) -Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1994.
- Zortéa, I., & Obregon, M. F. Q. (2018). DIREITO AMBIENTAL INTERNACIONAL: O CONSUMO NA ERA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. *Derecho Y Cambio Social*, 15(53). Recuperado de
<https://derechoycambiosocial.org/index.php/revista/article/view/2610>